

REVOLUÇÃO ESTÉTICA - A LIVRE INVENÇÃO DE ESPAÇOS DE LIBERDADE (OLHAR FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL DA NORMATIVIDADE ÉTICA A PARTIR DE IMAGENS)

[AESTHETIC REVOLUTION - THE FREE CONSTITUTION OF SPACES OF FREEDOM]
(EXISTENTIAL-PHENOMENOLOGICAL LOOK OF ETHICAL NORMATIVITY FROM IMAGES)

*Luciano Donizetti da Silva **

Universidade Federal de Juiz de Fora-UFJF, Brasil

RESUMO: A filosofia de Sartre é ‘filosofia da liberdade’, donde todo homem e toda mulher não somente é ‘livre’ como, também, é a fonte daquilo que se pode chamar de existência libertária; ora, se assim é por que o mundo se revela, sempre, como a mais nefasta das prisões? Revela-se o paradoxo: o homem é livre ‘em situação’, e será da situação (ou em obediência à normatividade) que ele deverá propor seu modelo de homem-livre. Nesse panorama seria lícito ‘impor a liberdade’? Não para Sartre que, em seu projeto revolucionário, propõe a constituição de um ‘espaço de liberdade’ no qual, ‘pela obra de arte’, a liberdade ontológica seja evocada – liberdade que não é meramente reativa, mas criadora, tanto de seus projetos de mundo livre quanto dos meios para a ele chegar... Esse artigo é (e propõe) um exercício dessa ordem, tendo por fundamento o ‘olhar fenomenológico’ como base da discussão da normatividade presente em imagens representativas da má-fé estética.

PALAVRAS-CHAVE: Sartre; Fenomenologia; Liberdade; Má-fé; Fotografias

ABSTRACT: Sartre's philosophy is a 'philosophy of liberty', where every man and woman are 'free' and are also the source of what can be called libertarian existence. But why does the world always reveal itself as the most harmful prison? The paradox is revealed: man is free 'in situation', and it is through the situation (or in obedience to normativity) that he must propose his model of a free man. In this scenario would it be lawful to 'impose freedom'? Not for Sartre who, in his revolutionary project, proposes the constitution of a 'space of freedom' in which, 'by the work of art', ontological freedom is evoked - freedom that is not merely reactive but creative of a free world and of would means to reach it ... This article is (and proposes) an exercise based on the 'phenomenological look' as the basis for the discussion of normativity present in images representative of a bad faith aesthetic.

KEYWORDS: Sartre; Phenomenology; Freedom; Bad faith; Photographs

I - O PARADOXO DA LIBERDADE, OU, É POSSÍVEL LIBERTAR ALGUÉM SEM SEU CONSENTIMENTO?

*Liberdade é uma palavra que o sonho humano alimenta,
não há quem explique,
nem ninguém que não entenda.*

Cecília Meireles

* *Doutorado em História da Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos (2006). Pós-doutorado na Universidade Lyon 3 - Jean Moulin (2016). Professor de Filosofia na Universidade Federal de Juiz de Fora, MG. m@ilto: donizetti.silva@hotmail.com*

A filosofia de Sartre é ‘filosofia da liberdade’; o esforço primordial do filósofo é mostrar que ser homem é ‘ser livre’. E, mais do que isso, a liberdade proposta por Sartre é *absoluta*, ou seja, essa primeira abordagem revela de fato um filósofo que faz jus a todo tipo de *crítica*: é idealista *romântico*, dirão alguns, é *burguês arrependido*, dirão outros. Ocorre que o filósofo fala de liberdade enquanto que o mundo revela-se *lugar da determinação*: nenhum homem – pensa-se – escolheu nascer, ou *onde* vir ao mundo e, menos ainda, sua aparência ou, para encerrar o assunto, nem mesmo a *cor dos olhos* cabe ao homem escolher... Sartre não está alheio a isso. De fato, o processo de socialização pelo qual ser-para-si faz-se (e é feito) homem revela toda sorte de ‘determinações’: ele é ontologicamente livre e, ao mesmo tempo, onticamente *portador* de limitações físicas, psíquicas, psicofísicas e, sobretudo *sociais*; note-se o problema: o homem é *liberdade ontológica* que, *sendo um em sociedade, nada pode*. Resultado, a liberdade é uma ilusão – fim da conversa. E, se o homem *não é livre*, caberá a outros *homens* dizerem a ele o que é *melhor para si* – eis o fundamento do projeto tanto *liberal* quanto *socialista*: cooptar a liberdade individual para *suas* causas.

O homem faz sua história e não se reconhece nela. Essa constatação, básica de toda ciência social, não é um *fenômeno incompreensível*; é, na verdade, bem simples: a liberdade que *cada homem* é foi alienada. Quando? No ato de entrada do homem no mundo: sob nomes pomposos como *educação, desenvolvimento* ou *evolução*, a passagem da infância à vida adulta é, em suma, o processo de *apropriação da liberdade que cada ser humano é*. No fundo de todo cogito, bem o mostrou Descartes, repousa o *ser livre*; é dessa contradição, inscrita no plano mais originário de ser-para-si (liberdade), que nascem os ideais libertários, como o anarquismo e o socialismo (além de *utopias*, como aquelas de More, Bacon, Saint Simon e, claro, mitos – como o *Reino do Céus* ou qualquer outra noção de *Paraíso*). A liberdade humana, que *inventa seus deuses e paraísos* – essa *realidade etérea que jamais se realiza* – é a mesma que inventa o inferno, demônios e punições eternas, esses *limites da liberdade* que nada tem de etéreos. Mas, retruca Sartre, somente a liberdade pode limitar a liberdade e, assim, é ainda por um ato *livre* que os homens se submetem aos *modelos que já encontram prontos*.

Na academia, graças ao trabalho *bastante discutível* de Lukács, Sartre é visto como uma espécie de *marxista faltado*; fora dela, e graças a uma interpretação bastante canhestra da filosofia da liberdade (disseminada pela extrema direita francesa), Sartre é liberal. De fato, a filosofia da liberdade nutre uma profunda diferença em relação ao marxismo ortodoxo: trata-se sim de libertar os oprimidos e, na medida do possível, estabelecer a igualdade (ou justiça social) – mas cabe a quem dizer o que é justo? Igualdade é justiça? E a que custo? No caso da Revolução Russa, por exemplo, tanto a igualdade quanto a pretensa liberdade (afinal, tratava-se de libertar os oprimidos) realizam-se pela completa submissão da liberdade individual às decisões de um ‘comitê’ que, por sua vez, obedece a rígidas diretrizes de um grupo seletivo, orquestradas pela figura (e volição) de ‘apenas’ um homem. Onde pode estar a liberdade num modelo dessa natureza senão *naquilo que os revolucionários* determinarem de antemão que é *ser livre*? A discutível igualdade socialista se faz pela completa usura da liberdade de camponeses e proletários de todos os níveis, à custa da liberdade de pensamento e da *fidelidade* a seu líder, seja ele Lênin ou Stalin, Che Guevara ou Mao Tsé-Tung; a ‘liberdade socialista’ é ‘imposta’. Mas é lício *impor a liberdade*? Se a academia exige *marxistas de carteirinha*, Sartre não serve.

Então ele seria bem aproveitável, fora dela, como propaganda do liberalismo. Sim, pois na década de 1960 (e, lamentavelmente, ainda hoje há quem pense assim), não ser marxista é ser *liberal* – ou, discordar das atrocidades cometidas por homens livres e justificadas historicamente como *sacrifícios em vista do comunismo* é ser

contra a causa socialista. Sartre não é marxista *nem* liberal. Pode ser novidade para o neófito em filosofia da liberdade, mas Sartre nada tem que ver com a proposta liberal ou ‘neoliberal’, seja no âmbito econômico (livre mercado) ou ideológico (meritocracia capitalista); a esse respeito Sartre é inequívoco: a economia planificada é, a seu ver, bem mais adequada à constituição de espaços de liberdade do que a *livre economia* que, embora *livre*, parte de uma situação a tal ponto desigual que precisa ser reparada. Mas por que não pode haver uma economia planificada num sistema democrático *direto*? Sim, pois a democracia representativa é, para o filósofo, um engodo: Sartre nunca votou, pois acreditava que a democracia faz com que, pelo voto (sufrágio universal), alguns homens eleitos, reunidos em torno de um líder (um, novamente), decidam o que lhes interessa ‘em nome de todos’. Enfim, cabe distinguir as coisas: tanto para Sartre, quanto para qualquer *leitor* seu, ‘ser livre para votar, consumir ou empreender’ não se confunde, em absoluto, com ‘ser-livre’.

A democracia é, nesse sentido, menos opressora da liberdade que a ditadura, fascista ou socialista, militar ou civil, claro! Mas ela, tal qual se passa nos regimes totalitários, não faz muito melhor: “*a democracia é uma mistificação*” (Sartre, apud JEANSON, 1974: 257). Ela leva o homem a acreditar que é livre e que *delega* poderes aos políticos e esses, por sua vez, *cumprem aquilo que foi delegado*. Mas não é assim: trata-se de *liberdades* e, nesse sentido, a maioria dos homens – os cidadãos – cede (ou são privados de) sua *liberdade* sob a alegação de *delegação de poder* (fundada no Direito, outra *invenção humana*). O que se tem de fato é a *usurpação de várias liberdades* por uma liberdade (política) que decidirá *livremente* aquilo que melhor *lhe* aprovar. Neste sentido “O sufrágio universal é uma instituição e, enquanto tal, um coletivo que atomiza e serializa os homens concretos e se endereça a eles como entidades abstratas, o cidadão, definido por um conjunto de direitos políticos, isto é, por sua relação com o Estado e suas instituições” (Sartre, apud JEANSON, op. cit., p.257). O capitalismo revela-se o avesso da liberdade, pois na verdade o indivíduo torna-se escravo de si mesmo e de seus desejos de consumo ou acúmulo (ou ‘dobra-se’ à toda horda de propaganda); nesse modelo há homens que, em vista de riquezas, estão dispostos a matar ou morrer. A liberdade capitalista se faz pela submissão da liberdade da maioria aos interesses de elites que, servindo-se da urgência, ganância ou ignorância da maioria, ocupa (ou coopta) todos os cargos de mando; não há liberdade no capitalismo.

Em trincheiras econômicas opostas, capitalismo e socialismo mistificam a liberdade que o homem é; ambos exigem a submissão da liberdade que *se é ao modelo de homem*, capitalista ou socialista. Mas fazer do homem socialista capitalista – sem sua anuência – não é um ato de violência tanto quanto fazer do capitalista homem socialista? Note-se, não se trata de – num gabinete – *julgar racionalmente* o mérito de cada um dos modelos, mas de *dar voz ao homem situado*. Está circunscrito o paradoxo: é possível ‘impor a liberdade’? A *Guerra Fria* expressa justamente isso: cada bloco erigiu, no *homem diferente*, seu alvo; Sartre não é um democrata, ele não é um capitalista, mas ele também não é um comunista ou marxista. “Seria estranho que em Nova York me acusem de antiamericanismo ao mesmo tempo em que o *Pravda*, em Moscou, me acusa energicamente de ser um agente da propaganda americana” (CONTAT & RYBALKÁ, 1970, p. 189). Ambos, capitalistas e socialistas (e sobremaneira *fascistas*) combatem do mesmo lado, *contra* a liberdade (Sartre, portanto); há razões para isso, que são sim *históricas*, datadas do século passado e que não cabe retomá-las aqui.

O paradoxo permanece: é possível ‘libertar o homem (seja do capitalismo ou do socialismo) sem seu consentimento’? Os intelectuais, orgânicos e-ou engajados, pensam que sim: ele dirá o que é melhor para outro, ele *sabe mais que os demais homens*, ele que está imune à *ideologia* de sua época, ele que *vê mais*; do outro lado, onde impera o

capital, técnicos de todos os níveis se esforçam para dizer ao *homem capitalista* que liberdade é *ter e consumir*, e dizem o que consumir, e dizem como consumir. Ora, promover uma revolução sem dar voz a todos os revolucionários, ou manter uma democracia *representativa* e, na prática, decidir e impor à maioria aquilo que interessa a um grupo, não se resumiria no mesmo: *tomar a liberdade dos outros?* Independentemente do regime ao qual cada homem está submetido, ele não é livre; ainda assim, o socialista pretende libertar o homem capitalista e esse, por sua vez, acredita-se em condições de libertar o homem socialista. Essa não seria uma ‘nova modalidade’ da opressão?

As coisas não são tão simples, dirá o ‘sábio’: há *forças desconhecidas atuando*, há dominação financeira, simbólica... há a *ideologia* a ser considerada. E, assim, fica decidido que *ao homem comum* não cabe decidir seu destino – ele *não sabe* o que quer, e *se quer* (independentemente do modelo) será porque foi *controlado ideologicamente*; enfim, e em resumo, o que se perde? A liberdade, mas dessa feita não estamos mais falando da *entrada do homem no mundo*, mas do homem situado historicamente. Note-se que em sociedade, e não importa sua matriz (economia planificada ou *liberal*), a liberdade é negada a alguns homens – a maioria deles. O homem adulto é tratado como *criança*, infantilizado perante instituições que limitam todas suas iniciativas, que torna ilícito aquilo que são práticas grupais, que *unificam, uniformizam*, negam a liberdade. O homem *não livre socialmente* obedece, coloca suas forças a serviço da realização de um mundo que *não é dele*.

Então não há solução, pensará o pessimista; e a filosofia de Sartre, além de sofrer da cegueira da *leitura de conjuntura* seria, no seu todo, utópica. Mas vejamos melhor: não há mesmo senão a *imposição* para lidar com as massas? Pois quando se fala do *mundo da vida*, há homens insatisfeitos – comunistas e capitalistas; e, para cada um deles haverá sempre um líder – político ou religioso – urdindo de antemão a resposta para todas as questões. A liberdade de *inventar deuses* ou *modelos institucionais* ou *econômicos* é a mesma que *reproduz esses modelos* em sua existência; ou, o homem não é livre socialmente porque não cabe, jamais, a ele, *dizer o que é ser livre*: líderes, capitalistas ou socialistas, vão trabalhar incessantemente para fazer chegar aos demais homens – infantilizados – ideias prontas, modelos *ideais*, a cura de todos os males. Sartre parte do princípio de que o homem é liberdade, donde haja uma alternativa ao paradoxo: a obra de arte. Chega-se assim à possibilidade, sempre presente e sempre fugidia, da revolução silenciosa realizada na invenção – sempre possível e sempre presente – de espaços de liberdade. A obra de arte será protagonista nesse esforço da ‘livre inventividade’ humana.

II - PRIMEIRO ATO: EXERCÍCIO DO ‘OLHAR FENOMENOLÓGICO’ A PARTIR DE UMA FOTOGRAFIA DO SÉCULO XVII

A normatividade estética – a beleza do escravismo naturalizado

É tocante uma foto de 1870 que retrata uma *cena corriqueira* desse período: uma *senhora* (mulher branca) de mãos abanando, ao longe à esquerda, contrasta com *duas mulheres negras*, uma que parece trabalhar com *um bebê negro* atado às costas, e a outra que parece *pajear* um menino branco que *brinca* com um tipo de charrete e *cavalo* feitos de madeira (há ainda uma figura indiscernível, no início da escada, à direita: parece uma estátua, embora bem possa ser um homem sem camisa); continuando a descrição da fotografia, há ainda dois homens negros que *trabalham* na secagem do café e, *ao lado do menino branco pajeadado que brinca* estão outras cinco crianças negras *arqueadas*, sentadas no chão, expressando toda sua *subserviência* ao quadro. O contraste das vestimentas das mulheres, mesmo para quem nada entenda de

moda ou *elegância* é flagrante, mas nada choca mais que comparar as cinco crianças no chão, vestidas com trapos (bem maiores que seus corpos) e sem nada para brincar, ao lado do menino branco, bem vestido e calçado, sentado em seu brinquedo: a norma fica evidente.

À princípio tudo parece *natural*, afinal retrata uma fazenda de café do final do século XIX no Brasil: a pajem faz *sua obrigação*, de cuidar de um menino; os homens negros trabalham, como *deve ser*, e as duas mulheres negras também estão ocupadas com *seus afazeres*. E mesmo que a mulher branca caminhe *em vista de trabalhar* (algo que a foto não deixa evidente), também ela cumpre sua obrigação: *ela deve estar em casa*, ou *cuidando da casa e perto de seu filho*. Há um personagem oculto na foto: o *senhor*. O menino certamente é *seu filho*, a mulher é *sua esposa*, e o café, a casa e aqueles homens, mulheres e crianças *são* seus escravos – a norma é a propriedade, e esse senhor *se faz homem no mundo como dono de tudo isso que se pode ver*, inclusive *a natureza*. O *ser mundano-concreto* do filho, esposa, *homens, mulheres e crianças* negras, além do café que seca, *são* *doados* pelo olhar de seu proprietário – todos *lhe obedecem*, ele é *senhor* para todos; mas há outros *olhares* que refletem a norma: no caso, o olhar *da mulher branca*. Por ele, por *sua subserviência* ao modelo patriarcal, seu marido é *senhor* – para ela, seus filhos e escravos. Mas *também ela* tem seu posto de *senhora* (ou *Sinhá*, para os negros) e de mãe, o que fará com que também ela *se faça normativamente no mundo*: ela obedece a seu marido na mesma medida que espera *obediência* de seu filho e *exige completa submissão e respeito* de seus escravos e escravas. O filho *obedece a seus pais*, e essa norma *lhe* será lembrada a todo momento: ele *deve honrar pai e mãe*, certamente o pároco de Jacarepaguá *lhe* ensinou isso; mas o mesmo *padre* nada deve ter falado de *misericórdia*, pois esse menino *sabe* que ali não estão *homens e mulheres adultas*, aos quais ele deva respeito (ou *compaixão*), mas *escravos* e, sejam eles adultos ou crianças, *são como animais de seu pai* (tal qual a vaca, o cavalo, etc.) e como tais devem ser tratados. E isso, sobretudo aos olhos do *menino branco*, que está nesse momento aprendendo *valores e imperativos sociais*, é absolutamente *natural*, assim como o será para as demais crianças negras, sentadas no chão; mas, é evidente, *todo esse quadro é naturalizado* em função de uma norma patriarcal e escravocrata, fundada no *estrabismo* da Justiça e com a sempre muito bem-vinda convivência da Igreja Católica.



Imagem 1: fotografia de Georges Leuzinger, 1870¹

Mas a norma não está restrita apenas ao *plano dos senhores*: de forma *ampla* esse senhor, que *não aparenta ter uma fazenda tão grande assim*, obedecerá a um *coronel* que, sob suas ordens, agrupa senhores *menos poderosos*, mas também ele terá seu superior – e a *naturalização de uma cena banal do século XIX* vai ter seu fundamento último em Deus – o *convenientemente nomeado nessa época* Senhor supremo, e *Rei dos reis*. E, de certo modo, é justamente essa *a norma* que vai reger a relação *entre os escravos*: também nas senzalas os homens *submetem suas mulheres* e essas, por sua vez, submetem *mulheres inferiores* (aquelas mais jovens, que *não sabem cozinhar* e por isso deverão *ser pajens*, etc.) e seus filhos. Fica claro que o quadro *é normal* porque segue a *norma*: ao menino branco cabe a *alvura* de sua aparência, além de *probidade* e um lugar *mais alto* no plano geral (ele está sentado em seu brinquedo); mas ao mesmo tempo cabe a esse menino *repousar*, pois se no momento em que a foto foi registrada as demais crianças *não estão trabalhando* (tal qual o menino, mas a *prática é que crianças negra trabalhassem sim*, para já *irem tomando posse* de seu destino), a *também criança-pajem*, a outra mulher negra com seu bebê e os dois homens *sim, trabalham*. Note-se que trata-se de *papéis sociais* decididos em parte *pela imposição de liberdades sobre outras*: a liberdade do senhor, que se impõe à mulher e ao filho e recebe *recíproca* e *livremente* um olhar de reconhecimento; e dos escravos que, seja *pela violência* (foram trazidos da África e *domados a ferro*) ou *admissão da norma* (já nasceram escravos, não vão para o *Quilombo*), reconhecem *a autoridade branca*, ainda que ela decorra de uma instância central (senhor) e seja *partilhada* em instâncias menores, como obedecer à *Sinhá* e, depois, ao *sinhozinho* ou ao feitor, capitão do mato etc. A norma não será contrariada, ela tem sua fonte *no próprio Deus* (Bíblia) e, mais uma vez, *é reafirmada* pelo Papa (*em nome de Deus*) e *referendada* pelo Rei ou Imperador ou presidente; mas o que faz com que ela tenha toda sua força não é mais que a *ação* desses homens, mulheres e crianças da foto, que *realizam essa norma* em imperativos e valores. A norma é, portanto, *vivida como se estivesse fora da história*, e opor-se à norma é *opor-se à história mesma* – o que, se é bastante conveniente para o senhor, sua esposa e seu filho, *encontrará também* defensores dentre os escravos. Muitas variantes podem participar na constituição desse, que é o paradoxo revelado pelas análises fenomenológicas sobre a ética e o papel da obra de arte – nesse caso uma fotografia – na *naturalização* da violência, submissão e opressão: *medo* da morte, tortura e dor (desobedecer a norma *leva ao tronco*, e o escravo *é lembrado disso* a todo instante – há *um tronco* na fazenda) e *vantagens sociais* (ser reconhecido nalgum nível, *por baixo que seja*, nessa hierarquia de poder) são exemplos claros de *razões* para obedecer; mas nem por isso são *suficientes*, e não faltará ao longo da história – de *toda a história humana* – exemplos de homens que, mesmo ante o risco de tortura ou morte, e apesar de toda promessa de vantagem social, *escolhem livremente a liberdade* e *lutam por ela* até o fim, como fez Zumbi dos Palmares. Mas ele poderia, hipoteticamente (pois não há evidências históricas), *manter como seus escravos* outros homens escravizados *que não queriam* deixar de sê-lo?

Assim, sou levado a esse paradoxo que constitui o risco de toda política liberal e que Rousseau definiu com uma palavra: *devo* ‘obrigar’ o Outro a ser livre. Tal coerção, não sendo sempre exercida e não sendo, com maior frequência, exercida em forma de violência, nem por isso deixa de regular as relações dos homens entre si. Se ofereço consolo e tranquilidade, é para livrar a liberdade do Outro dos temores e pesares que a afligem; mas a consolação, tal como o argumento tranquilizador, é a organização de um sistema de meios para um fim destinado a *agir* sobre o Outro e, em consequência, integrá-lo por sua vez no sistema como coisa-utensílio (SARTRE, 2011, p. 507).

Do ponto de vista da liberdade parece ser uma *exigência ética* não impor a

liberdade *libertar-se*: se o homem tem *sua liberdade imposta* (como se passou na *Abolição da Escravatura*, em 1888) ele, *ainda assim*, não será livre. A partir desse momento *todos os escravos poderiam se refugiar nos mocambos* e, com isso, *serem livres em seus Quilombos*; mas uma vez que a norma era a *propriedade*, de nada adiantaria sair das cidades e *levar consigo* a necessidade de possuir, donde o *homem-negro-livre* acabe, em grande medida, reproduzindo a *norma da Senzala* nos mocambos (favelas atuais), paralelamente à repetição dos *sobrados* – a norma *casa grande e senzala* permanece *intocada* (FREIRE, 1985). Isso mostra sem sombra de dúvida *de onde vem a norma*: ela nasce do interesse de alguns homens, aqueles que *desde sempre* se habituaram a *viver da exploração do trabalho de outros* (uma espécie de *homem-parasita*) e que *encontram no mundo* outros homens que, pela *violência*, são submetidos aos interesses daqueles, o que leva de imediato à questão política e ao interminável debate de argumentos e contra-argumentos de esquerda e de direita. A norma nasce do interesse de um *grupo seletor de homens* (aristocratas, *elite*), isso não está em discussão; parece mais interessante voltar à pergunta fenomenológica: como *se realiza* historicamente a opressão do homem pelo homem?

Pela violência, é claro: os negros foram submetidos a todo tipo de tortura e maus-tratos para *serem convencidos* de que era *melhor* (e menos *doloroso*) adequar-se à norma escravista;² todavia, o efeito *nefasto* da opressão social do homem pelo homem é de origem ontológica: o olhar *fenomenológico*, aquele que *traz cada homem ao mundo* (seu ser-para-outro), também *define sua posição* e *seu valor* no mundo. Aquilo que *cada homem é em sociedade* advém do olhar da mulher, filho e escravos que fazem o senhor, na mesma medida em que *o que faz o escravo* é o olhar do senhor, seu filho e esposa; a *ser-para-si* se realiza no mundo *em presença* do outro e, uma vez que se trata de *encontro de liberdades*, “O conflito é o sentido originário do ser-Para-outro” (SARTRE, 2011, p. 454). A norma, por sua vez, *tende a eliminar o conflito* – a cena da foto é absolutamente *natural* e *pacífica*, cada um *faz sua parte* e no fim essa fotografia passa a ideia *bucólica* de um amanhecer numa fazenda de café; passa mais, *reafirma a beleza* da família patriarcal e sua importância para *serenar os ânimos* mais aventureiros: a esposa, seu marido e filho *repetem* a Sagrada Família. O mesmo pode *ser visto* em relação aos negros: pouco provável que aquela mulher (ou *as duas*, visto a pajem parecer muito nova) com o bebê atado às costas *seja mãe* das cinco crianças – elas *parecem ter mais ou menos a mesma idade* – mas aparentemente *ela cuida* dessas crianças. E o olhar de um dos homens, o negro à direita, que trabalha, *expressa* algum tipo de amor paternal (olhar *voltado* aos pequenos). Sem a reflexão essas perguntas todas não são sequer formuladas, mas, *uma vez que a reflexão é uma possibilidade humana* (e não de *grupos seletos*), o que poderia ser dito *reflexivamente* sobre essas crianças? Seriam filhos de outras mulheres e homens negros que estão nalguma lavoura *colhendo o café* que ali está sendo secado? Estariam trabalhando nalgum outro momento do *processo de beneficiamento do café* enquanto sua senhora caminha, e seu senhor fotografa? Pode ser, mas se assim não for *é possível que tais crianças tenham sido adquiridas* nalgum mercado ou de algum outro *senhor* – e isso seria absolutamente adequado no tocante à norma. Também é adequado à norma pensar que esse *evangélico casal* seja cristão, e que tratem *com respeito e compaixão* esses homens, mulheres e crianças reduzidos a burros de carga – pouco importa, a norma *permanece* escravizando a todos: o senhor é escravo de sua família, de suas posses e de seu rei, ao tempo que *escraviza* mulheres, negros e crianças; ou,

Não se *deve* supor, porém, que uma moral da ‘permissividade’ e da tolerância iria respeitar mais a liberdade do Outro: uma vez que existo, estabeleço um limite de fato à liberdade do Outro, *sou* este limite, e cada um de meus projetos delinea este limite à *volta* do Outro: a caridade, a permissividade, a tolerância - ou toda atitude abstencionista - são projetos meus que me comprometem e comprometem

o Outro na sua aquiescência. Realizar a tolerância à *volta* do Outro é fazer com que este seja arremessado à força em um mundo tolerante. (SARTRE, 2011, p. 507).

A liberdade contraria a norma, *toda norma*: ela exige a *reinvenção* de ser homem todo o tempo, em *toda situação*; mas ela também permite *agir de má-fé*, ou seja, tanto o negro poderá *justificar seu ser-escravo* fora de sua liberdade (que, no fim é mantido *por seu ato livre* de secar o café, por exemplo, ainda que haja atrás da câmera fotográfica um *feitor armado*) quanto o branco poderá justificar *na lei e na tradição* as aberrações que comete. O exemplo da foto é cristalino: o *bucólico amanhecer na fazenda de café* revela o *destino* das sete crianças ali retratadas (e uma delas, a oitava – a *pajem* – cumpre desde já seu *destino*); ocorre que *a norma* não é inocente, mas *a maneira de sua realização se faz inocentemente*. Sem *refletir* não há nada na imagem que cause espanto; mas todo homem e toda mulher *serão confrontados* alguma vez em sua existência pela pergunta fundamental do existencialismo: *por que é assim e não de outro modo?* A ela será acrescentada outras, *o que eu sou, por que vim ao mundo* – e, no caso da cena em questão, todas as respostas já estão prontas: tanto os negros adultos quanto *as crianças negras* estão destinadas ao trabalho, a *fazer de sua existência* serviço e devoção a seus senhores; em troca, os brancos presentes e ausentes da fotografia *tem seu destino também traçado*, viver às custas *da existência* daqueles outros homens, mulheres e crianças. É isso que é *ensinado* tanto às crianças negras quanto ao menino branco *por adultos brancos e negros*: é a norma. E se fossem falar com alguma *autoridade* religiosa ou secular, a resposta seria a mesma: *é assim*; a norma se impõe incondicionalmente, e aparecerá até mesmo nos *Quilombos*, criados justamente como *alternativa à norma*. É pelo outro que o *para-si* se faz homem no mundo, e é assim que *a determinação* – essa livre invenção humana – *decide em lugar da liberdade*, mas no fundo a *angústia* expressa no olhar dos *três personagens que se atrevem a encarar a lente* (um homem negro, a pajem e o menino branco) denuncia *sua liberdade*; e, por *naturalizada* que tenha sido essa cena ao olhar do século XXI, ela ainda pode causar indignação *e culpa*.

É diante do Outro que sou *culpado*. Culpado, em primeiro lugar, quando, sob seu olhar, experimento minha alienação e minha nudez como um decaimento que devo assumir; este, o sentido do famoso ‘eles descobriram que estavam nus’ da Escritura. Culpado, além disso, quando, por minha vez, olho o Outro, porque, pelo próprio fato de minha afirmação de mim mesmo, constituo-o como objeto e instrumento, e faço com que lhe sobrevenha esta alienação que deve assumir (SARTRE, 2011, p. 508).

A *empáfia* da postura do menino, com seu modo aristocrático de sentar-se em seu brinquedo, não deixa claro se também ele *baixa o olhar* – mas a cabeça abaixada de sua pajem é bem visível; o homem negro faz o mesmo, parece olhar para o chão – ao tempo em que o menino branco, *com dificuldade, encara* a câmera. Como se trata de um amanhecer a razão disso pode ser o sol, que cega seus olhos; mas as cabeças *baixas* de todos os negros (a mulher branca parece arqueada por seu movimento de *andar*) repete em seus corpos sua submissão. E a *subserviência* fica ainda mais flagrante no caso das crianças negras que parecem ter sido *propositadamente* colocadas ali, *em roda* – a aparência tão própria do menino branco tem agora *seu contraste*, e os negros adultos agora parecem também ter sido dispostos ali, formando um quadro que torna perene a *beleza e dignidade* do menino branco *ante pessoas negras* (ainda que os escravos pareçam *ter se arrumado* para a ocasião). Mas a *inferioridade* do negro *se realiza* pelo olhar daquele que *vê* essa cena: as crianças estão despenteadas e a pajem (que aparenta menos de dez anos, o que evidencia também a exploração do trabalho infantil) usa uma espécie de turbante, enquanto *os cabelos loiros* repartidos do herdeiro se impõem; o

ombro desnudo de duas crianças negras *desvia o olhar* de quem observa a cena ao modelo do pequeno terno, com o alvo colarinho fazendo o menino parecer *ainda mais branco*. E apesar de sua cabeça um pouco encurvada, é possível *ver nele um futuro grandioso*: suas conquistas amorosas e todas as negras que ele violentará estão *ali*, desenhadas em seu esboço infantil de sorriso; o quanto ele será valoroso e *rico*, ao receber de seu pai todas aquelas terras, bens e *pessoas* também já se mostra. Olhar as crianças negras é saber desde já que não farão grande coisa: se forem todas meninas, como parece, serão *ou mulher de um negro* (com a obrigação de ter muitos filhos – *repor escravos*) ou antes, como não raro acontecia, serão de início *estupradas por homens brancos* (se forem *bonitas*) e depois, cumprirão seu destino: ter filhos e cuidar da casa – não a sua, *mas a de seus senhores*. Ainda, é *bonito* ver a altivez e elegância da *senhora* (aqui considerada a mãe do menino branco) que, ao fundo, lança-se como numa valsa – com leveza e graciosidade – da direita para a esquerda (o que confirma a impressão de que ela *não está com sua cabeça abaixada*), exibindo toda a *beleza* de seu traje que, *além de lhe exigir* (e de suas escravas) muito tempo para ser arrumado (note-se o *penteados*), tem por objetivo *principal esconder seu corpo* de olhares indiscretos e desrespeitadores de outros homens que não *seu marido* (misoginia).

Minhas roupas (uniforme ou terno, camisa engomada ou não), sejam desleixadas ou bem cuidadas, elegantes ou ordinárias, meu mobiliário, a rua onde moro, a cidade onde vivo, os livros que me rodeiam, os entretenimentos que me ocupam, tudo aquilo que é meu, ou seja, em última instância, o mundo de que tenho perpetuamente consciência - pelo menos a título de significação subentendida pelo objeto que vejo ou utilizo -, tudo me revela minha escolha, ou seja, meu ser (SARTRE, 2011, p. 571).

O *ver fenomenológico* realiza seres no mundo (o que não se passa com o *mero ver*); o homem, *ser-para-outro*, será feito *pelo olhar* na mesma medida em que *faz o outro* por seu olhar. Os pais *realizam em si e por seus filhos* a norma que faz do escravo algo *feio* e dos brancos o modelo; as consequências disso, nem é preciso explicar, basta lembrar o que se passou (e de certo modo *ainda se passa*) no período em que o Brasil teve seus escravos. Cumpre concluir: o senhor, que admite sua submissão *ao Papa e ao Rei* e, absolutamente de má-fé, *obedece a história de seu tempo* e explora o trabalho dos escravos, não é livre *tanto quanto seu escravo* – que pela violência é *privado* da possibilidade eminentemente humana *de inventar-se livremente*. Para que? Para o que ele *inventasse, escolhesse e criasse com seus atos* (mocambos, por exemplo), o homem e o mundo *como eles deveriam ser* segundo a livre escolha desses homens *escravizados*; do mesmo modo, o *senhor* se justifica pelas *leis e costumes*, além da necessidade de pagar impostos, e *raramente usa sua liberdade para se fazer homem por si mesmo* (e não meramente repetir a norma escravista), preferindo manter o mundo *como ele é* (satisfatório, de seu ponto de vista) e *transmiti-lo a seus filhos*, além de se dispor a tudo, mesmo a *torturar e matar* para fazer que com que a norma seja cumprida. O senhor *não aparece na fotografia*.

III - SEGUNDO ATO: EXPERIÊNCIA ÉTICO-FENOMENOLÓGICA A PARTIR DE IMAGENS (FOTOGRAFIAS) ATUAIS

Desconstrução do olhar *ético-estético* – há *equivalência circular* entre Beleza, Bondade e Verdade?

Um dos grandes temas de interesse em todos os tempos da humanidade é a estética, essa *filosofia do belo* que se funda nalguma modalidade de teoria do conhecimento (*estesiologia*) e, desse modo, revela *a beleza*; ao menos é assim que

Baumgarten define essa *ciência do conhecimento sensível* em sua *Aesthetica*, livro publicado em 1750³. Mas a preocupação com o belo é muito mais antiga: em filosofia essa iniciativa pode ser creditada a Platão, ou Sócrates, e sua *identificação* direta – e com nefastas consequências para a posteridade – entre *beleza e bondade*. Ainda que logo a seguir Aristóteles tenha, com as noções de *catarse* e *teoria da imitação*, tentado frear o caráter idealista que a identificação proposta por Platão havia tomado, o fato é que a identidade entre Bom e Belo *perdura* até os dias de hoje: parte considerável das associações ditas *naturais* (naturalizadas, evidentemente) entre beleza e bondade, também seguindo a senda platônica, são consideradas *a verdade*. O círculo se fecha, e o fundamento de toda eugenia e *barbarização* do diferente, das minorias – da liberdade, enfim – apresenta-se: proposições do tipo ‘o homem *belo* é bom, e, enquanto tal, expressa a verdade’ parecem dizer o mesmo que ‘o pássaro é belo, a serpente é bela, mas é muito feio quando a serpente vai se alimentar’. Assim, esse exercício consistirá de mostrar – através do cotejamento de algumas *fotografias públicas* (disponíveis na internet) – o processo fenomenológico absolutamente de má-fé pelo qual a *estética* é fator de mistificação e engano; ao propor que o belo é bom, o pássaro em seu galho reúne essas *qualidades*, exatamente o mesmo que se poderia dizer da altivez da serpente. Assim, o *feio* revela-se uma farsa, na medida em que ele não tem por alvo a violência (cobra matando pássaro), mas somente o *modo como a violência é perpetrada*; a questão nunca foi *alimentar-se da vida alheia* (pois o homem alimenta-se de outros animais, e isso é *bom*), mas *como fazê-lo* (questão *estética*, alimentar não pode ser um ato *feio*). A constituição de um espaço de liberdade exige, antes de tudo, colocar na berlinda – de maneira direta – essa *má-fé estética*.

Não se trata de inventar conceitos, a filosofia já está repleta deles; chama-se aqui má-fé estética a *livre escolha humana* de preocupar-se mais como a *aparência* de um fenômeno do que com suas *reais consequências mundano-concretas*. Isso porque na fotografia em que *serpente e pássaro aparecem juntos a cena é feia*; mas, lembra a fenomenologia, é ainda o pássaro belo que será devorado por uma bela serpente. O feio, nessa cena, limita-se à maneira pela qual a serpente *caça*, ou melhor, ao modo como ela se alimenta. Mas alimentar-se, ou *matar sua fome* pode ser algo ruim? Ou feio? Ou asqueroso? Não mesmo. É preciso lembrar que a caçada *humana* não é menos violenta, e não raro seu objetivo é outro – injustificável ou, ao menos, desnecessário – do que aquele da serpente, que faminta, *alimenta-se* de sua presa; numa caçada de elefantes ou leões ou onças, por exemplo, não parece que haja necessidade e, ainda menos, é de se supor que intencionem comer o elefante ou os felinos. Mas o homem faz muito pior que a serpente: ele escraviza e sacrifica vários *belos* animais para se alimentar; esses animais, por sua vez, são levados a enormes *matadouros* onde são assassinados, picados e vendidos em higiênicas embalagens plásticas ao som de música ambiente em enormes supermercados; e ainda que a *visão* do belo animal sacrificado seja chocante, o fato é que aquilo que se encontra no mercado exigiu uma atitude tão cruel quando aquela da serpente. Que diferença pode haver entre o sangue, a dor, e o desespero do pássaro e do boi ou do porco ou do frango? Ou, ainda, na *livre escolha* que faz o homem assassinar animais de grande porte (elefante) para se divertir, ou *cevá-los* em enormes rebanhos ou granjas para sacrificá-los *industrialmente*? Chega-se ao núcleo *duro* da questão: o fenômeno da *violência natural* (maneira pela qual fomos *educados* a ver crueldade no alimentar-se da serpente) se repete no âmbito da alimentação humana, mas o homem é levado a acreditar que seu churrasco nada tem que ver com morte ou sofrimento; pudera: ele *esconde* e limita os processos *cruéis* de sua alimentação, e o boi – aquele animal altivo e lindo que ostenta seus belos chifres – *lhe aparece*, sempre, fracionado e em pacotes.

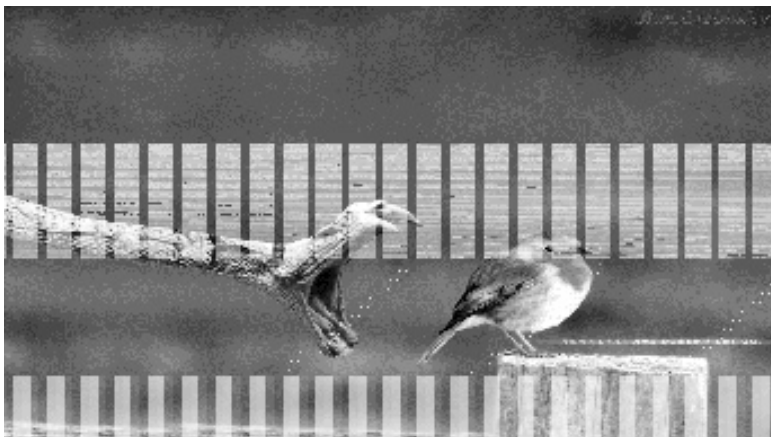


Imagem 2: a serpente se alimenta⁴

Mas muda alguma coisa entre matar por si mesmo sua presa e engoli-la, como faz a serpente, ou escravizá-la, transportá-la em caminhões, matá-la e *picotá-la* para vendê-la? E se isso fosse feito com homens? Ou mulheres? *Nada mais feio que a desordem de mulheres, meninas e bebês* caídos ao chão, após serem *executadas*... note-se o desarranjo dessas pessoas fuziladas na Polônia. Ainda, não é por um ato de má-fé que o comensal de uma churrascaria *se esquece* disso? Volta-se à questão inicial, e o que é ‘bom’ se julga a partir de ‘sua beleza’, mas jamais o belo por sua bondade; a isso acrescenta-se outra diferença marcante do homem em relação à serpente e seu caçar: ele acredita ter uma maneira *civilizada* de se alimentar (seguindo etiquetas cada vez mais sofisticadas), exemplo que mostra que sob a *inocente bandeira estética* escondam-se *valores* e, não raro, toda forma de preconceito. A beleza platônica, generalizada como bondade, carece ainda da *verdade* para fechar o círculo; entram em cena os *interesses da razão*, essa realização humana do instinto mais grosseiro em *ordem, padronização, higiene, evolução e progresso*. A *maneira civilizada* (humana) de escravizar e matar os demais animais não muda em relação à serpente senão em sua *estética*: o homem mata os animais, alimenta-se deles, *corrige-os* em seu ser. A existência *serial*, como dirá Sartre em sua *Crítica*, graças a todo tipo de artifício racional, arranca o bem, o justo e o verdadeiro da *mera aparência*; ou, melhor, trata-se de tornar a violência *esteticamente* aceitável. Assim, não é uma boa ideia mostrar uma leoa ou uma serpente que caça nos televisores de uma churrascaria: há ali *morte, sangue, violência, desespero*... a mesma *parcela de dor* que trouxe todos aqueles animais até os comensais, mas que foi *racionalmente alterada* em sua *aestética*. Morrer esmagado pela mandíbula da serpente parece um destino terrível; mas aquele pássaro *viveu* antes de morrer. A associação platônica entre beleza e bondade *se realiza* quando esse trabalho se torna *exclusivo da técnica*, e a razão torna-se seu guia. A consequência é nefasta, como já foi dito acima; é daí que nasce a eugenia da *razão ocidental*, que tem sua forma mais acabada nos grandes modelos autoritários do século XX (perdurem ou não nesse início do século XXI) – sobretudo o Nazismo e todo outro modelo autoritário; e, mesmo, *democrático*, afinal a democracia – porque *representativa* – não faz muito diferente de qualquer autoritarismo.



Imagem 3: deplorável desordem da morte⁵

Mais uma vez o belo e o bom são tomados como *siameses*, sendo a razão – *verdade* – a *parte comum* que faz crer que a beleza é boa; mas, considerando-se o princípio de razão suficiente, isso não exigiria que a bondade seja bela e, também, verdadeira? Não parece. A razão *estética*, nesse caso, é seletiva em seu interesse: trata-se de tornar *bela* a violência exigida para alimentar-se de outros animais (ou, ao menos, *não feia*); a compaixão com a vida – que permanece idealmente exigida em relação à serpente que devora seu passarinho – é, pela razão, *destituída de sua feiura* (cacos) e, esteticamente, ainda cria a sensação para homens e mulheres de que são *diferentes* da serpente, que são *superiores*, talvez *menores um pouquinho que os anjos*. E de fato o são: em geral a serpente *não se alimenta de suas semelhantes* e, declaradamente, ainda que comam outras serpentes, elas jamais as escravizam;⁶ já o ser humano, de seu lado e sob o pretexto de *melhorar seu mundo*, age de violência contra os demais animais, contra outros homens e contra si mesmo. Não há espaço para liberdade, e a *ordem racional* – especialidade nazista – contrasta de modo obsceno com a *liberdade de se organizar* (ou não!) dos países orientais, a Índia por exemplo; sem a nefasta assepsia platônica, ver Delhi causaria o mesmo tipo de sentimento que ver *qualquer outra cidade*: diferentes, evidente, mas ambas expressões culturais – livre expressão humana de organizar-se no mundo. Mas não! O olhar *estético*, treinado *desde sempre* (infância) a ver o que *deve* ver, percebe *beleza* no caso de uma marcha militar, ou de partidários enfileirados gritando palavras de ordem, e recusa em absoluto a *desordem* que a milenar cultura indiana expressa; todo *ordenamento*, todavia, é sectário, e acaba por decidir – em razão da *verdade* e *bondade* inscritas na *aparição fenomênica* – *quem* ou *o que* pode existir no mundo. A multicolorida mandala de carros, pessoas e objetos – imagem da Índia – soa *feia* quando comparada à ordem nazista; o jardim *inglês* será, desse ponto de vista, *mais belo* que a natureza quando ela *se organiza em seu interesse*.

REFERÊNCIAS

- SARTRE, J-P. (1983). *Cahiers pour une morale*. Paris : Gallimard.
- SARTRE, J-P. (1966). *Controvérsia sobre a dialética*. Marxismo e Existencialismo, por Sartre, Garaudy, Hyppolite, Orcel, Vigier. Trad, Luiz S. Pinto. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- SARTRE, J-P. (1960-2002a). *Critique de la raison dialectique*. Paris: Gallimard (*Crítica da Razão Dialética*. Trad. Guilherme J. de F. Teixeira. Rio de Janeiro: ed. DP&A).
- SARTRE, J-P. (1970c). *Entretiens de Sartre avec Francis Jeanson*, in CONTAT & RYBALKA (1970). *Les Écrits de Sartre*. Paris : Gallimard, op. cit.
- SARTRE, J-P. (1949a). *Entretiens sur la politique*. Paris : Gallimard.
- SARTRE, J-P. (1943-2011). *L'Être et le Néant – Essai d'ontologie phénoménologique*. Paris : Gallimard. (*O Ser e o Nada - Ensaio de Ontologia Fenomenológica*. 20ª ed. Trad. Paulo Perdígão. Petrópolis: Vozes).

LISTA DE LINKS DE IMAGENS INVOCADAS NO TEXTO:

- Fazenda de café: <http://brasilianafotografica.bn.br/?p=2492>
- Édipo e a Esfinge: <https://br.pinterest.com/explore/vasos-gregos-916126123003/>
- Guerra: <https://br.pinterest.com/explore/vasos-gregos-916126123003/>
- Uirapuru: <https://www.google.com.br/1492948547318085>
- Naja: <https://www.google.com.br/1366&bih=589#img>
- A serpente se alimenta: <https://www.google.com.br/1366 FR678FR678>
- Família e sua caça: www.E-farsas.com
- Carne bovina fracionada: www.clichoje.com.br/noticias/Cidades/Musico-e-presos-acusado-de-furtar-carne
- Depilação dói sim! <http://pt.depositphotos.com/70564435/stock-photo-young-woman-shouting-by-depilation.htm>
- Partes: <https://oraculumegodei.wordpress.com/2010/02/12/as-partes-que-compoem-o-boi>
- Partes 1: <https://maryalcantaras.wordpress.com>
- Mulheres judias e suas crianças aguardam, nuas e em ordem, sua execução (gueto Mizocz, na Ucrânia, 1942) <http://www.electramag.com.br/fotos-historicas-rarissimas-cuja-existencia-voce-desconhecia/>
- Deplorável desordem da morte: <http://www.electramag.com.br/fotos-historicas-rarissimas-cuja-existencia-voce-desconhecia/>
- Desfile Nazista: <http://apaginavermelha.blogspot.com.br/2012/07/mundo-semelhancas-entre-o-regime.html>
- Delhi, Índia: <http://www.autoracing.com.br/fl-hamilton-espantado-com-transito-caotico-na-india/>
- Jardim de Versailles: <http://www.carpemundi.com.br/como-visitar-o-palacio-de-versalhes>

NOTAS

- 1 Disponível em: <http://brasilianafotografica.bn.br/?p=2492>
- 2 Foi por isso, para não ir para o inferno e em nome de uma bula que os senhores autorizavam seus capitães do mato a usar instrumentos de captura e contenção de homens: para o escravo o cristianismo católico romano enquanto norma (escravocrata, fundada na

aliança do Papa com o próprio Deus) chegou através de correntes (gonilha, gargalheira), de troncos, do *vira-mundo*, das peias, dos cepos e *machos* (ANTONIL, 1982).

3 Baumgarten's "Aesthetica", Mary J. Gregor, *The Review of Metaphysics*. Vol. 37, No. 2 (Dec., 1983), pp. 357-385.

4 <https://www.google.com.br/1366FR678FR678>

5 <http://www.electramag.com.br/fotos-historicas-rarissimas-cuja-existencia-voce-desconhecia>

6 Isso não é de todo verdade: há espécies de serpentes que sim, alimenta-se de outras espécies; a afirmação se mantém porque considera-se aqui *semelhantes* apenas serpentes da mesma espécie. Isso porque, para termos de comparação com o ser humano, parte-se do princípio que a humanidade é *uma e mesma espécie* (a separação teria sido entre sapiens e sapiens-sapiens, e não entre cores de pele ou etnias). Sobre as serpentes, ver [//www.zoopets.com.br/serpentes/alimentacaoserpentes-corallushortulanus-caninus-zoopets-criadouro-zoopets.htm](http://www.zoopets.com.br/serpentes/alimentacaoserpentes-corallushortulanus-caninus-zoopets-criadouro-zoopets.htm), consulta 14-04-2017, 16h34.